



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO COTIDIANO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS DIRETORAS

Malsete Arestides Santana

Mestranda em Educação-UFMT

malsete@ibest.com.br

Orientadora: Maria Lúcia Rodrigues Müller

INTRODUÇÃO

O objetivo principal da pesquisa foi investigar que concepção as diretoras têm sobre discriminação racial e verificar quais os procedimentos adotados pelas diretoras frente as situações de discriminação racial ocorrida entre alunos. A pesquisa abrangeu duas instituições escolares da rede pública municipal de Cuiabá-MT, uma na área central e outra na periferia.

O interesse em desenvolver esta pesquisa é fruto das constantes situações de discriminação e preconceito constatado no dia a dia no âmbito escolar. Os alunos negros geralmente são vítimas de “brincadeiras” e recebem apelidos pejorativos relacionados à cor da pele ou cabelo.

No estudo realizado por Santos (2005, p. 79), ela constatou que a referência negativa ao cabelo afro configurou-se como marca fenotípica mais explicitamente mencionada nas situações de ofensas raciais. “[...] o cabelo constitui a característica física mais funcional para se discriminar racialmente.”

Segundo Pinho (2004), os alunos negros nem sempre ouvem calados as provocações. Reagem para brigas e a repressão da equipe gestora recai sempre sobre eles. Essa mesma autora constatou também que os alunos que sempre ficavam de castigo eram os pretos e mulatos estas categorias utilizadas pela autora para se referir a alunos não brancos. Por que apenas os alunos negros são punidos? Até mesmo quando são vítimas acabam por serem considerados os responsáveis pelas agressões sofridas.

Pretendeu-se nesta pesquisa: verificar a percepção de diretoras sobre discriminação racial no contexto de duas escolas municipais de Cuiabá/MT; verificar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

quais os procedimentos e/ ou intervenções adotadas pelas diretoras frente a situações de discriminação racial ocorrida entre alunos.

Conhecer a concepção das diretoras sobre discriminação racial no ambiente escolar é importante, pois a atuação delas pode ou não ajudar os alunos a permanecerem na escola. Como nos afirma Silva (2002, p.32) “... na relação alunos-agentes educativos (diretores, coordenadores, inspetores) é marcada por autoritarismos e visões estereotipadas que pode afastar o aluno negro da escola”.

De acordo com Santos (2005, p. 14),

a discriminação racial se reproduz em vários contextos sociais das relações entre negros e brancos. Nesse contexto a escola não se encontra isenta dessas reproduções. Muito embora ela não seja meramente reprodutora de tais relações, acaba por refletir as tramas sociais existentes no espaço macro da sociedade.

Nesta pesquisa, utilizo o termo diretor e não gestor devido à especificidade da função. A palavra “gestor”, segundo Gomes (2005, 76) “tem sido empregada para designar o diretor, coordenador, secretário, que formam a equipe gestora”.

Conforme Luck (2000, p.16), “o diretor deve ser um gestor da dinâmica social, um mobilizador, um orquestrador de atores e um articulador da diversidade para dar-lhe unidade e consistência, na construção do ambiente educacional e na promoção segura da formação dos seus alunos”.

O diretor por ser uma liderança efetiva na conclusão dos trabalhos na escola se constitui numa peça importante para a condução do processo educativo, dependendo da atuação, ele pode ou não contribuir para a permanência ou não dos alunos no ambiente escolar.

As constantes situações de discriminação e preconceito constatadas no dia a dia me provocam inquietações e mostram a necessidade de buscar explicações. Não é fácil encontrar respostas claras e diretas para entender essas situações, devido à complexidade que envolve este tema, mas elas podem fornecer pistas e entendimentos que ajudarão a melhorar o trabalho no cotidiano escolar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A escolha de diretores como sujeito desta pesquisa foi no sentido de que eles assumem dentro da unidade escolar um conjunto de responsabilidades e são responsáveis por grande número de decisões. Muitas vezes são eles que decidem e determinam o que deve ser feito.

Os diretores são responsáveis para concluir e discutir os mecanismos de participação na escola, suas finalidades e a definição de ações e metas a serem construídas coletivamente pelos diferentes segmentos que compõem a escola ou dela devem participar. Um desses segmentos são nossos alunos, diferentes atores que constroem o cotidiano escolar.

As leituras, as pesquisas apontam o racismo, a discriminação presentes no cotidiano escolar na relação professor-aluno, mas não encontrei nenhuma pesquisa que aponte os diretores como agentes reprodutores da discriminação, racismo e preconceitos no espaço escolar, ou seja, agente do racismo institucional, por isso acredito ser oportuna esta pesquisa.

Pesquisas já realizada como da Cavalleiro (2000) mostram que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos são entendidos como desigualdades naturais. As crianças brancas revelam situações e apresentam atitudes preconceituosas e discriminatórias tais como: xingamentos, ofensas, brigas e apelidos. Essas situações de discriminação são frequentes e ocorrem na presença de professores sem que eles muitas vezes tomem atitudes, demonstrando, assim, a necessidade de uma ação pedagógica. Os professores percebem os conflitos, mas muitas vezes, por não saber lidar com a situação, por falta de formação ou até por concordarem, achando normal o ato de discriminação, fazendo com que isso aumente os preconceitos e as brigas no espaço escolar.

As pesquisas nos mostram também que os atos citados acima acarretam nos alunos negros a autorrejeição, o desenvolvimento de baixa autoestima, ausência de reconhecimento de capacidade pessoal, rejeição ao seu outro igual racialmente, pouca ou nenhuma participação na sala de aula, dificuldades no processo ensino aprendizagem, entre outros.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Penso que essas situações de preconceito e discriminação racial envolvem outros âmbitos que não só o espaço escolar, contudo acredito que existem possibilidades de mudança que podem contribuir para a sua melhoria.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, empregou-se a abordagem qualitativa por entender ser esta a que melhor se adapta à pesquisa que tem como objeto concepções e conhecimento de atores sociais. De acordo com Minayo (1994), a pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da verdade, com o que é certo ou errado, deve ter como preocupação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade.

Para o levantamento e coleta de dados, utilizei a entrevista. Fez-se uso dessa técnica para buscar, captar o sentido e a interpretação sobre discriminação racial no cotidiano escolar dos sujeitos desta pesquisa, as diretoras.

Minayo (1994, p.57) assinala que a entrevista pode ser entendida sob dois aspectos: “[...] num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância de linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um meio de coleta de informação sobre um determinado tema científico”. O uso da entrevista no contexto desta pesquisa contribuiu para obtenção de opinião das diretoras sobre as manifestações de discriminação no cotidiano escolar.

OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa serão duas diretoras de duas escolas municipais de Cuiabá. Para preservar a identidade das diretoras participantes, elas serão identificadas pelas letras A e B, conforme demonstrado na Figura 1. Ambas possuem formação superior, porém distintas, assim como são distintas também a experiência profissional



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

entre as duas. A Figura 1, elaborada pela pesquisadora, apresenta esses dados, assim também a classificação racial realizada pelas entrevistadas.

Figura 1. Dados sobre as participantes da pesquisa

	Escola	Formação profissional	Experiência profissional	Classificação racial
Diretora A	Escola A	Pedagogia	14 anos	Negra
Diretora B	Escola B	Letras	03 anos	Branca

DELINEANDO OS PRINCIPAIS CONCEITOS: RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Para se compreender a análise pretendida nesta pesquisa, considero importante fazer a discussão sobre a distinção dos conceitos de racismo, preconceito e discriminação racial, os quais, muitas vezes, são tratados como sinônimos.

Conforme Jaccoud e Beghin (2002, p.38), o racismo é considerado uma “ideologia que apregoa a existência de hierarquia entre grupos raciais”. Isto é, acredita-se que os brancos sejam superiores aos negros em razão de suas diferenças fenotípicas. O racismo surgiu e se consolidou entre os seres humanos gradativamente. Transmitido por meio de gerações, o racismo, entranhou-se em nossa sociedade e reflete em nossas relações sociais.

Müller (2006, p.123) afirma que:

O racismo e o preconceito nem sempre têm explicações racionais. São sentimentos construídos ao longo da vida, através do convívio com outras pessoas racistas ou preconceituosas e que transmitem essas ideias pejorativas sem nenhuma comprovação, apenas insistindo nos julgamentos negativos que eles têm sobre os outros.



É o caso dos professores que reproduzem pressupostos racistas construídos no século XIX, repetindo esses pré-conceitos automaticamente, sem se darem conta de que não têm nenhuma comprovação empírica os juízos que emitem.

O preconceito racial, por sua vez, “[...] limita-se à construção de uma idéia negativa sobre alguém produzida a partir de uma comparação realizada com o padrão que é próprio àquele que julga” (JACCOUD e BEGHIN, 2002, p.38). Ou seja, é a predisposição aversiva de um grupo em relação ao outro motivado pela cor da pele.

A discriminação racial é uma ação, uma manifestação de comportamento, ato, que prejudica determinada pessoa ou grupo de pessoas em razão sua raça/cor (BEGHIN e JACCOUD, 2002). Impedir uma pessoa negra de ocupar uma posição de destaque no mercado de trabalho por motivos injustificáveis é um exemplo de discriminação racial.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a discriminação:

tem o sentido de separar, distinguir, estabelecer diferenças, segregar. Traduz-se em ações negativas concretas, em práticas individuais e institucionais que violam os direitos sociais e humanos e a igualdade de tratamento, com base em critérios pré-estabelecidos, de forma singela ou não (GONÇALVES, 2007, p.32).

Segundo Nogueira (2007), o preconceito racial no Brasil é de marca, ou seja, baseia-se na cor da pele, na aparência, nos traços fisionômicos das pessoas. O preconceito racial que se opera na sociedade brasileira é diferente dos Estados Unidos.

Neste país, o preconceito racial se ancora na hereditariedade racial do indivíduo, em outras palavras, o preconceito é de origem. Significa que um indivíduo de fenótipo branco de ascendência familiar africana também é considerado negro.

O autor afirma, ainda, que o preconceito de origem é exercido através da exclusão incondicional dos membros do grupo atingido. Esse tipo de discriminação é, predominantemente, exercido nos Estados Unidos através de atitudes que desfavorecem aqueles que possuem origem negra, posição esta que jamais poderá ser alterada visto que no país há uma linha de cor que separam brancos e pretos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DISCRIMINAÇÃO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS DIRETORAS

Na intenção de conhecer a percepção das diretoras em relação à discriminação no cotidiano escolar, foram feitas duas perguntas para elas. A primeira foi a seguinte: “nos conflitos entre alunos você percebe discriminação racial?”. A segunda questão foi: “para você o que é discriminação?”.

Em relação à primeira questão, as diretoras disseram que os conflitos que acontecem entre alunos devido a apelidos, xingamentos, piadas são “brincadeiras”: “... eles fazem muitas brincadeiras nas salas de aula e os alunos negros não gosta, ai sai às brigas” Diretora (A). E complementou: “... Eu não vejo muita discriminação na escola, às vezes tem uma briguinha por causa de apelidos, ou porque chamou de macaco, mais a gente resolve (Diretora A).

Perguntei, “resolve como?”. E a Diretora (A) respondeu: “... há a gente conversa diz que não pode fazer isso, e pedimos para os alunos pedir desculpas. Ou às vezes não interiro, pois logo estão brincando (Diretora A).

Percebe-se que nos depoimentos que a diretora não percebe, ou não quer perceber, a extensão da discriminação racial nesses conflitos. Não identifica neles atitudes de preconceito e discriminação racial e que estas podem causar marcas profundas nos sentimentos dos discriminados.

Saliento que as falas foram transcritas conforme a entrevista feita. Nenhuma alteração foi feita, respeitando-se as peculiaridades do discurso de cada uma.

No depoimento da diretora (B), ela diz:

... quando acontece algum ato aqui, por exemplo, briga entre alunos brancos e negros porque um falou mal do outro, discriminação eu acho, a gente resolve, converso com os alunos, falo para a criança negra não ligar, pois nós somos todos iguais. E tudo se resolve Diretora (B).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Notou-se que o comportamento da diretora diante dos atos discriminatórios de crianças brancas para com as crianças negras é de ‘apoio’ à criança negra, mas não alerta a criança branca para a ação discriminatória cometida.

Nos depoimentos das diretoras sobre o que é discriminação racial e se na escola acontece discriminação, veja o que diz a Diretora (A): “... não aqui na escola não há discriminação, as crianças se comportam muito bem entre elas as professoras não tratam as crianças com discriminação” Diretora (A).

O que fica evidente é que tanto professores, diretores e alunos são vítimas de imaginário social que supervaloriza a cultura branca, eurocêntrica e colaboram para naturalizar a ideologia do branqueamento forjada pela classe dominante branca que não quer perder seu poder e espaço.

O que se percebe também é a falta de preparo das diretoras que, apesar de afirmarem não haver problemas raciais nas escolas em que atuam, conseguem relatar, sem nenhuma dificuldade, uma situação de discriminação racial por elas presenciadas.

Em entrevistas com a diretora (B) percebe-se que quando ela diz: “... aqui agimos com naturalidade, eu acho que deve agir com naturalidade, Tudo é discriminação não é assim” Diretora(B). E continua “... quando uma criança discrimina a outra nós alertamos para não fazer isso Diretora (B).

Pela pouca importância que ela atribui ao fato, percebe-se que para essa diretora discriminar é um ato natural.

Ou como nos afirma Piza:

“... prevaleceu no universo escolar, um estatuto de branquitude, na qual a vítima precisa ser ‘alertada’, mas ao vitimizador não tem o que dizer, simplesmente porque este permanece no mesmo território de branquitude, no qual atitudes e comportamentos discriminatórios é parte do cotidiano e de território racial idêntico (PIZA, 2000, p.59, grifos do autor).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Segundo Cavalleiro (1998), o cotidiano escolar apresenta-se marcado por práticas discriminatórias que condicionam a percepção negativa das possibilidades intelectuais, profissionais, econômicas e culturais e propicia, ao longo dos anos, a formação de indivíduos, brancos e negros com fortes ideias e comportamentos hierarquicamente racializados e carregados de estereótipos.

Quando perguntada sobre o conceito de discriminação, a Diretora (B) diz que tem significado de igualdade, respeito, como nos revela os depoimentos a seguir:

“... quando se fala em racismo e discriminação muito já falam sobre cor, ele é negro, ele é preto eu não quero ser amigo dele, então já olha com olhos diferentes, mas nós estamos trabalhando sobre igualdade e respeito...” (Diretora B).

Segundo Gomes (1995, p.61), democracia racial é uma corrente ideológica que pretende eliminar as distinções e desigualdades entre a formação da sociedade brasileira (negra, indígena e a branca), afirmando que existe igualdade entre todos, o que se percebe é que ainda está presente o mito da igualdade. A impressão que se tem com as respostas das diretoras é que tudo na sociedade está perfeito, nós é que temos que tolerar aceitar as normas e mesmo endossar as formas existentes de desigualdade racial, o preconceito racial.

Quando a diretora (A) diz

... às vezes a gente fala assim eu não discrimino ninguém, mas discrimina sim, talvez não só o negro, mas você tem alguma coisa, com a pessoa, de você mesma, e você sabe que não é certo, mais está dentro de você” (Diretora A).

Esta fala evidencia que a diretora tem consciência da existência de manifestações racistas e discriminatórias nas relações na escola. Em outro depoimento, a diretora (A) reafirma: “... falar de discriminação é doido, porque a gente sabe que existe mais não faz nada, eu já senti na pele, mas eu respeito às pessoas” (Diretora A).

Ao falar sobre discriminação a diretora A faz um desabafo ao falar sobre o assunto.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

“...Eu sofri preconceito na pele, em uma loja o vendedor deixou para me atender depois, achou que eu não tinha condições financeiras para levar o produto, como chegou outra pessoa com mais aparência, eu acho que foi pela cor” (Diretora A).

O preconceito racial no Brasil envolve atitudes e comportamentos negativos das pessoas em relação ao negro, os quais se dão em função da cor. Como nos afirma Hasenbalg (1979), “a essência do preconceito racial reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não brancos e constitui a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor”.

Falar que não existe preconceito ou racismo no Brasil é uma falsa ideia. O preconceito está presente na sociedade brasileira, no cotidiano dos indivíduos, nas relações sociais (família, escola, trabalho). Nota-se como a discriminação é forte e marca a vida das pessoas, como se pode verificar na fala da Diretora (A) que apresenta dificuldade para expor sua ideia porque sofreu discriminação na pele.

O preconceito e a discriminação continuam existindo na sociedade, visto que a sociedade, o indivíduo preconceituoso não aceita positivamente o contato com os negros na vida social. Para Cavalleiro (2000), a discriminação acarreta prejuízos econômicos, além de psicológicos decorrentes das experiências traumáticas vividos pelos negros.

Algumas falas evidenciaram aquilo que os autores chamam de mito da democracia racial. Quando se perguntou se percebia discriminação na escola: “... não eu não acho que existe discriminação aqui na escola, os alunos brancos brincam com os negros, sentam juntos (Diretora B); ‘... não eu não vejo como discriminação as brigas entre os alunos, ou na sala de aula, eles brigam por tudo, principalmente por bola. Mais isto não é discriminação” (Diretora A).

Da Matta (1984) nos explica essas falas afirmando que o mito da democracia racial nega a existência de conflitos entre brancos e negros. Tende a negar a existência de discriminação na sociedade brasileira.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Munanga (1999, p.26) critica o “racismo brasileiro silenciado” ou dissimulado, que nega a existência do preconceito e da discriminação racial na educação básica. Para ele, esse tipo de racismo é fundamentado pelo discurso da democracia racial.

Cavalleiro (2000) nos diz que o silêncio existente na sociedade em relação aos conflitos raciais é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo verificar o que dizem as diretoras sobre discriminação racial no cotidiano escolar, mostrando que a escola precisa se atentar para as questões raciais, para que a discriminação e o preconceito não sejam promovidos.

Percebe-se pelos dados da pesquisa que as diretoras, ao retratar a discriminação racial, asseguram algumas ideias constituídas em seus discursos, ora negando a discriminação, ora a demonstrando e até mesmo denunciando algumas facetas da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

discriminação ou do racismo ocultas ou camufladas no seu fazer administrativo no cotidiano escolar.

A pesquisa mostrou nas falas das entrevistadas a concepção de que tudo está caminhando dentro da normalidade e não há nada que as incomodam. Entretanto, a situação dos alunos negros continua a mesma, ou seja, continuam sendo discriminados, esquecidos, recebendo julgamentos negativos.

Vimos uma discriminação caracterizada pelo silêncio e pelo falso mito da democracia racial. Precisamos acabar com a invisibilidade da questão racial na escola e a reprodução do racismo no seu cotidiano. Faz-se necessário uma reflexão ação em torno dos problemas que coexistem no cotidiano escolar, racismo, discriminação racial e preconceito que são negados ou ignorados pelos agentes educacionais.

Sabemos que diretores sozinhos não conseguirão garantir os avanços necessários para superação do racismo, precisamos, no entanto, desses profissionais para que, por meio do seu papel de líder, possam promover o envolvimento de todos no sentido de transpor a discriminação e a exclusão.

As entrevistas com as diretoras evidenciaram que a atuação delas frente à educação das relações raciais encontra-se bastante superficial, faltam ações voltadas para promoção de uma educação antirracista.

Para esses profissionais que trabalham na escola e ocupam papel de liderança há possibilidade de influenciar o perfil das relações raciais no ambiente escolar por meio da construção coletiva dos mecanismos de superação pautados nos pressupostos de uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ivone Jesus. Relações raciais: um estudo com alunos, pais e professores. Cuiabá: EdUFMT, 2010



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

APPLE, Michael W.; BEANE, James A. (Org.). *Escolas Democráticas*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

AQUINO, Júlio Gropa. *Diferenças e preconceitos na escola*. São Paulo: Summus, 1998.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLER, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução de Maria João Álvares, Sara Bahia dos Santos e Telmo Marinho Baptista. Portugal: Porto, 1994.

CANDAU, Vera Maria (Coord.). *Somos todas (os) iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP & A 2003.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam (coord.) *Relações Raciais na escola: reprodução de desigualdade em nome da igualdade*. Brasília: UNESCO, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação*. São Paulo: Contexto, 2000.

CERQUEIRA, Luciene Souza Santos. *As muitas faces do sucesso escolar: do real ao ideal*. Salvador, (dissertação de mestrado), 2005.

DA MATTA, Roberto. *Digressão: a fábula das três raças, ou problema do racismo à brasileira*. In: *Relativizando: uma introdução á antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 58-85.

GOMES, Candido Alberto. *A escola de qualidade para todos*. Rio de Janeiro, 2008.

GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. *Tia, qual é o meu desempenho? Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros*. (Coleção Educação e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Relações Raciais, vol.7)- Cuiabá: EdUFMT, 2007. Dissertação de mestrado-Cuiabá: UFMT, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. Preconceito racial: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2008.

HASENBALG, Carlos A. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

JACCOUD, Luciana Barros e BEGHIN, Nathalie. Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental/ Luciana de Barros Jaccoud e Nathalie Beghin. Brasília: Ipea, 2002.

LIBANÊO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia. Alternativa, 2001.

LUCK, Heloisa. Gestão educacional: uma questão paradigmática. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Concepções e processos democráticos de gestão educacional. Petrópolis: Vozes, 2010.
2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MÜLLER, Maria Lúcia; PAIXÃO, Lea Pinheiro. Educação, diferenças e desigualdades. Cuiabá: EdUFMT, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: EdUSP, 1998.

OLIVEIRA, Iolanda. A formação de profissionais da educação para a diversidade étnico racial In: Muller, Maria Lúcia Rodrigues e Paixão, Lea Pinheiro (orgs.). Educação diferenças e desigualdades. Cuiabá: EdUFMT, 2006. p.127-160.

PEREIRA, Maria Jose Morais. Disciplina e castigo nas escolas: um estudo a partir das trajetórias de duas professoras do ensino fundamental. Dissertação de mestrado Belo Horizonte, 2000.

PINHO, Vilma Aparecida. Relações raciais no cotidiano escolar: percepções de professores de educação física sobre alunos negros. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria silva. Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes 2002.p.59-90.

ROSEMBERG, Fúlvia. Relações raciais e rendimento escolar. In: PINTO, Regina Pahim. Raça negra e educação. Cadernos de pesquisa. São Paulo: Editora, n°62, nov. de 1987. p.19-23.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O currículo: numa reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005.p.39-65.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SANTOS, Ângela Maria. Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não negros. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SILVA, Hédio. Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as praticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002.